



4-8.11.2025

Batalha
Casa Comum
Passos Manuel

queerporto.pt

Queer Porto 11

Festival Internacional de Cinema Queer

Produção



Festival Apoiado por



Coprodução



Apoios à Programação



Patrocinadores de Prémios



Televisão Oficial



Rádio Oficial



Apoios



Restaurantes Parceiros



Parcerias Média



Apóio a Eventos



Queer Porto 11

Festival Internacional de Cinema Queer

4	Editorial “Dar sentidos”	13	Panorama
6	Júris	14	<i>Carte Blanche</i> a Daniel Pinheiro
7	Noite de Abertura	16	Resistência Queer
	Noite de Encerramento	20	Queer Focus: Nada Mais Queer do que a Natureza
	Sessão Especial	21	Festas
8	Competição Oficial	22	Calendário de Sessões
11	Prémio Casa Comum		

Equipa Queer Porto

Diretor Artístico: João Ferreira

Programação: Ana David, Constança Carvalho Homem, Cristian Rodríguez, João Ferreira

Direção: Cristian Rodríguez, João Ferreira

Produção: Ana David, Cristian Rodríguez

Consultoria: António Fernando Cascais

Movimento de Cópias: Lucas de Lima

Hospitalidade: Ana David, Cristian Rodríguez

Imprensa, Comunicação e Redes Sociais: Cristian Rodríguez

Design Gráfico: Ivo Valadares

Motion: Gonzalo Gómez

Website: João Pascoal Studio, After You

Tradução: Ana David, Cristian Rodríguez, João Ferreira

Música Trailer: Pantha du Prince

Organizado por:

Associação Cultural Janela Indiscreta

Casa do Cinema

Rua da Rosa, 277, 2.º

1200-385 Lisboa

Tel.: + (351) 91 610 69 04

info@queerlisboa.pt

Batalha

Praça da Batalha 47

4000-101 Porto

Tel. + (351) 225 073 308

Estação Metro: Bolhão

www.batalhacentrodecinema.pt

Bilhete inteiro: 5,00€

3,75€ Bilhete Tripass

2,50€ Bilhete Cartão Porto., estudantes, +65 anos, desempregados, colaboradores da CMP e Ágora

Horário bilheteira:

Terça-feira: das 14h00 às 20h00*

Quarta e quinta-feira: das 11h00 às 20h00*

Sexta e sábado: das 11h00 às 22h00*

*em caso de haver sessões a acontecer depois da hora de encerramento da bilheteira, a bilheteira permanece aberta até 30 minutos após o arranque da última sessão.

Bilheteira online: BOL

Casa Comum - Reitoria da Universidade do Porto

Praça de Gomes Teixeira

4099-002 Porto

Tel. + (351) 220 408 000

Estação Metro: São Bento

www.sigarra.up.pt/reitoria

Entrada livre para as sessões do Queer Porto 11, dentro da lotação estipulada.

Passos Manuel

Passos Manuel

Rua Passos Manuel 137

4000-382 Porto

Tel. + (351) 937 202 918

Estação Metro: Bolhão

Bilhete inteiro: 5,00€

3,75€ Bilhete Tripass

Bilhetes disponíveis na bilheteira do Passos Manuel, no próprio dia, uma hora antes de a sessão começar.

“Dar sentidos”

João Ferreira

Escrever sobre esta 11.ª edição do Queer Porto, não pode deixar de partir de um lugar do coração. Este texto, este ano, só pode existir em fragmentos, estilhaços, emoções, porque vem de um lugar de perda e de orfandade. Não há lugar a, nem há vontade de grandes dissertações críticas ou académicas sobre cinema e curadoria. Falarei de cinema e de curadoria, mas a partir desse outro lugar, que não é tanto do racional – não tanto a partir dos livros que li e dos filmes que vi –, mas a partir da pele. Fazendo justiça a esse dispositivo tão fundamental do cinema queer, que divulgamos há quase três décadas, começo este texto de forma diarística. Um olhar para dentro, que em momentos é a única forma de olhar para fora, de encontrarmos sentido no que parece não ter sentido nenhum.

Em finais de janeiro deste ano, perdemos o nosso querido amigo e colega Daniel Pinheiro. Um abalo emocional para todos nós no festival, que não vai ser fácil de sarar. O Daniel trabalhava connosco há 10 anos, entrou de braços abertos nas nossas vidas, não nos largando nunca, nem nós a ele. Desmoronaram os alicerces – nossos pessoais, e do festival –, que ainda estamos a procurar reerguer. Nunca voltarão a ficar exatamente de pé, serão sempre diferentes. Duas semanas e meia depois do falecimento do Daniel, teríamos embarcado juntos para Berlim, para ir à Berlinale; festival onde, há quase 30 anos, foi em grande medida pensado, idealizado e feitos os primeiros contactos, para criar o que foi na altura o Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa, que evoluiu para o Queer Lisboa e abriu lugar à criação do Queer Porto. Mas Berlim também mudou. E o mundo está a mudar. Nesta viagem a uma das cidades que mais amo e que foi formativa na minha autoestima, na construção do meu desejo, pensei em Weimar e no fim de uma era. Olhando o mundo, senti o que nunca pensei sentir, um fim da democracia, um fim do humanismo e da empatia. Uma viagem assombrada de perdas. Uma viagem com tantos anjos e fantasmas e uns tantos corpos, nesta cidade que sempre foi tão generosa em oferecer-me corpos e desejo, e eu a sentir-me sempre a falar com todos os fantasmas e os anjos, e a ouvir o que têm para me dizer. Soprado pelos ventos do futuro, mas de costas para ele, a olhar o passado, como o anjo do Klee, do Benjamin, o fim da Europa forçado por Müller na garganta de Hamlet. Outrora, Isherwood teve de partir daqui. *Goodbye to Berlin*. Também aí, os tempos estavam a mudar.

A Neue Nationalgalerie, essa elegância esquelética que brota do cimento, desenhada por Mies van der Rohe, acolhia uma exposição da Nan Goldin, com um assombro de título: “This Will Not End Well”. Pois não. A obra de

Goldin é de perda e de trauma, de luta e de sobrevivência. Mas, ainda assim, encontra beleza e uma espécie de paz, nessa voragem. Berlim foi o mundo e tantos mundos em retrospectiva frente aos olhos.

Queremos que a presente programação do Queer Porto seja, inevitavelmente, um espelho deste mundo, hoje, e talvez o exercício a propor seja mesmo esse: o de encontrar alguma beleza e paz, entre as frechas e as feridas abertas. As histórias de superação, os gestos de empatia, o carinho, a resistência. Estes são alguns dos pilares que nos devem alimentar na energia que precisamos para seguir nesse caminho, onde estas histórias e estes gestos sejam também parte das nossas vidas. Por outro lado, o passado. Os fantasmas que habitaram e ajudaram a construir o que é hoje a cultura queer. Num presente que parece recusar aprender com o passado, que insiste em repetir os mesmos erros, celebremos essa memória, e que ela sirva para continuarmos a erigir utopias. As utopias podem ser um sonho intangível, mas delas saem esses talis pequenos gestos, saem os caminhos que se trilham. Delas, crescem comunidades e laços.

O filme com o qual abrimos esta edição talvez seja um exemplo desse caminho a seguir. Primeira longa-metragem de Paula Tomás Marques, *Duas Vezes João Liberada* é em si uma história de superação, tendo sido produzida quase sem meios financeiros, alicerçando-se numa vontade comum de um conjunto de pessoas que deram o seu tempo, o seu corpo e a sua dedicação a este objeto ímpar no panorama do cinema nacional. É um filme que nasce de comunidade e que a representa, que a dá a ver. Mas é também um filme de reparação histórica, de resgate daquelas muitas figuras de carne do nosso passado comum, mas esfumadas pelas histórias “oficiais”, relegadas a um lugar de apagamento. É um filme que faz justiça à dissidência sexual e de género, contra a norma.

A inventividade do cinema de Paula Tomás Marques, é uma característica que vamos também encontrar nas várias curtas nacionais que compõem o Prémio Casa Comum deste ano, feitas de um enorme ecletismo estético e formal, da estrutura narrativa mais clássica ao puro experimentalismo, revelando este conjunto de filmes, igualmente, diferentes olhares ao nosso mundo. E voltemos precisamente a esse mundo de que falava atrás. Um mundo que se espelha em tanto do cinema que propomos para esta edição. Um cinema que olha a realidade e a denuncia, que por vezes nos propõe essa beleza que ainda brota, a custo. Um cinema às vezes perplexo com o que vê à sua volta. Assistimos, hoje, à meteórica ascensão das





Fluidø © J. Jackie Baier

extremas-direitas, com a sua disseminação da LGBTQIA+fobia, do discurso contra as populações migrantes, de um falso puritanismo e moral duvidosa, que a passos galopantes contaminam as nossas sociedades; sem esquecer a falência das esquerdas nas democracias ocidentais – cegas na admissão das suas próprias falhas e relutantes em fazer um exercício de autocritica, como vemos acontecer em Portugal. Entre ficções e documentários – e um foco especial nos temas da família e das identidades trans –, a Competição Oficial do Queer Porto atravessa várias geografias, do México a Itália, da França à Malásia, passando pelo Líbano ou pelo Brasil. Territórios de muitas histórias de migrações e diásporas, de saúde sexual e reprodutiva, de uma procura de formas de estar. Histórias de superação face à homofobia e à transfobia, do que é crescer e formar uma identidade sempre em contra, que estão também plasmadas nessa outra presença portuguesa no programa, o documentário *Outlasting - Living Archives of Older Queers*, que toca nesse sensível e largamente negligenciado tema (e realidade) da velhice.

Também essa ideia da necessidade do outro, de uma voz e de um corpo, para nos ajudar(mos) a construir quem queremos ser, está aqui presente. De que a nossa identidade nunca é uma construção isolada, somos sempre em relação a alguém outro, observamos, formamos laços, identificações – mas também repulsas –, no sentido de ir formando todas as nossas partes. Uma ideia presente na nossa proposta para o encerramento do festival, *Hot Milk*, onde esse *rappor* a dois pode constituir ora um constrangimento, ora uma libertação para sermos finalmente quem queremos ser. Uma dinâmica que atravessa, também, as três propostas do Panorama deste ano, três ficções que partilham essa relação com aquela outra pessoa que, ora nos preenche e alimenta, ora nos restringe e amordaça, obrigando-nos a um gesto em direção à nossa liberdade pessoal: *Cabo Negro*, *Pillion*, e *Sauna*.

De regresso às geografias, o programa dedicado à Resistência Queer, que o ano passado cruzou as programações de Lisboa e Porto, regressa este ano já como secção. A situação política, social e cultural que vive o mundo assim o exige. Dedicamos, assim, novo programa de curtas à Palestina, com “*No Pride in Genocide*” (*Queer Cinema for Palestine*), com obras cuja diversidade estética, narrativa e criativa, evocam a cultura palestiniana e o seu lugar na História, a sua diáspora, e inevitavelmente o criminoso genocídio que tem lugar hoje em Gaza, sem esquecer a ocupação na Cisjordânia. Mas viajamos igualmente até Teerão, onde nos juntamos a essa sinfonia de corpos, que juntos dançam para celebrar os laços, antes das partidas para outros lugares, em *The Crowd*; passando pelo Leste Europeu – mais precisamente Bulgária e Ucrânia –, com os documentários *In Hell with Ivo* e *Queens of Joy*; o primeiro, uma história de superação pessoal do seu protagonista, perante, não apenas

as adversidades externas, mas as da sua própria saúde mental; o segundo, uma superação de um coletivo perante a guerra, onde se materializa, no limite, essa ideia de comunidade como arma de resistência.

Numa proposta radicalmente diferente da anterior – ou talvez não tanto assim –, o Queer Focus deste ano volta a um tema que tem estado presente nas últimas edições dos festivais: o do cruzamento das teorias e vivências queer com a natureza e as questões ambientais. Talvez não tão diferente assim do programa da Resistência Queer, porque também de resistência se trata, quando falamos de alterações climáticas e extinção, e da constante agressão do ser humano sobre a natureza. Uma Ecologia Queer, que desconstrói preconceitos heterossexistas e patriarcas na ciência – nomeadamente na biologia –, é o ponto nevrálgico de *Queering Nature*, onde estes novos e importantes conceitos se cruzam com a prática artística. *Holding Back the Tide* é um divertido, mas sério, olhar a como as ostras são parte integrante da cultura nova-iorquina, e o que a sua extinção por aquelas águas significa em termos económicos e simbólicos. Por último, é-nos dada a conhecer uma dessas figuras raras e cativantes, a colombiana Brigitte Baptiste, mulher trans, ecologista. *Brigitte, Planeta B* mostra como Brigitte tem desafiado convenções científicas e sociais, que aqui se cruzam com as suas ideias sobre política e reflexões sobre a sua vida pessoal, num hábil retrato que nos abre alguma esperança sobre o rumo deste planeta.

Estas e muitas outras são as nossas propostas, de que aqui apresento estes fragmentos e possíveis linhas de leitura, que espero sejam um incentivo para descobrir tanto do cinema que oferecemos. E regressando às memórias e a esses muitos passados de que falo no início do texto, o Queer Porto homenageia o Daniel, através de uma *Carte Blanche* que lhe dedicamos. Nunca poderíamos ter a ambição de selecionar os filmes que ele teria chamado a si como sendo os seus preferidos, ou significativos, ou formativos na sua vida. Fomos, antes, por uma premissa mais simples: a de um conjunto de filmes frente aos quais vimos o seu entusiasmo, falámos juntos sobre eles, filmes que marcaram o seu punho enquanto programador destes festivais. *Blue*, de Derek Jarman, *Fluidø*, de Shu Lea Cheang, *Passión*, de Maja Ray Borg, e *Terror Nullius*, de Soda Jerk, são tão radicalmente diferentes entre si, que nos dão a ver esse Daniel curioso e ávido de descobrir, inquieto, e que gostava de pensar e ter tempo frente aos filmes. Uma introspeção e um estar no tempo que eram muito seus e que levou para tantos cantos da sua vida. Para resistir, temos de lembrar. Soprados pelos ventos da mudança, olhemos o passado. Aprendemos com ele. Para, aos poucos, ir reconstruindo os frágeis alicerces deste presente e dar sentidos ao futuro. Este festival é para ti, Daniel.

Júri Competição Oficial



Adriano Nazareth

Natural do Porto, trabalha na Rádio Televisão de Portugal desde 1990. Estudou Artes Plásticas - Pintura pela FBAUP e é doutorado em Media Digitais pela Universidade do Porto em parceria com a Universidade do Texas, em Austin. Como realizador, já produziu mais de 4000 horas de programas de entretenimento em fluxo, muitos deles líderes de audiência televisiva nacional, diversos dramas televisivos e programas musicais. Destaca-se também como realizador, produtor, guionista e autor na produção de documentários. Tanto no plano académico quanto profissional segue focado na criatividade do fenómeno audiovisual.

Júri Prémio Casa Comum



Anabela Santos

Assessora de Comunicação de Cultura da Universidade do Porto. Com licenciatura em Jornalismo, mestrado em Ciências da Cultura e Pós-Graduação em Marketing Management, tem uma vasta experiência em comunicação e assessoria de imprensa. Encontra-se atualmente a fazer um doutoramento em Comunicação Acessível. Produz conteúdos para diferentes plataformas, faz assessoria de imprensa e colabora na produção multimédia de projetos culturais. Como jornalista, trabalhou em rádio, televisão e imprensa escrita. Viveu em Londres, Oxford e Dublin.



AURA

Nascida no Porto em 1997. É artista transdisciplinar e cofundadora da Asterisco. O seu trabalho foi apresentado no Teatro Municipal do Porto, Galerias Municipais, Bienal de Arte Contemporânea da Maia, The Place, Nottingham Contemporary, Centre for Live Art Yorkshire, Stockholm Fringe Festival, schuur, Derida Dance Center, One Dance, entre outros. Possui mestrado em Performance Making pela Goldsmiths, pós-graduação em Gestão Cultural e Sustentabilidade pela FLUC e licenciatura em Artes Plásticas e Intermédia pela ESAP e Academia de Belas-Artes de Gdańsk.

© Sofia Calvet



Jorge Peixoto Freitas

Psicólogo clínico e psicoterapeuta certificado, com enfoque em Intervenção Sistémica e Terapia de Casal. É mestre em psicologia e estudante do Programa Doutoral em Sexualidade Humana. Atualmente exerce funções na Universidade do Porto enquanto gestor do projeto IQUAL CAMPUS e psicólogo na consulta de Saúde Sexual. Os seus temas de investigação e prática clínica focam-se em terapia de casal, não-monogamias consensuais e diversidade sexual. Detém experiência profissional em áreas e contextos diversificados e em vários projetos de investigação e intervenção.



Catarina de Sousa

Realizadora, jornalista e produtora de cinema e artes visuais, nascida em 1985. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, com formação nos Ateliers Varan (França) e residência artística no UnionDocs – Center for Documentary Art, Nova Iorque. Corealizou *Tracing Utopia* (2021) com Nick Tyson e foi autora de *Verdade ou Consequência* (2017). Fundou com Isadora Neves Marques a produtora Foi Bonita a Festa, sediada no Porto, e é fundadora da Casa do Xisto, uma residência de cinema analógico e ecológico. Entre Portugal, Brasil e Estados Unidos, produz e representa filmes de Isadora Neves Marques, Alice dos Reis, Janaina Wagner, Mariana Bártoolo, Bárbara Anastácio, Francisca Manuel, Salomé Lamas, Petra Costa, Grace Passô e Zahy Tentehar.



Telmo Fernandes

Natural do Porto, onde se envolveu, no final da década de 90, na mobilização dos primeiros coletivos LGBTQ+, nomeadamente o Nós – Movimento Universitário pela Liberdade Sexual, e o Grupo de Reflexão e Intervenção do Porto da Associação ILGA Portugal. Com esta organização colaborou na coordenação de projetos na área da educação, mobilização de comunidade e combate à violência na intimidade, sendo também responsável pelo relatório anual do observatório da discriminação. Após um interregno académico para estudar História do Cinema em Turim, licenciou-se em Sociologia e é doutorado em Psicologia, com uma investigação sobre saúde mental em jovens LGBTQ+. Tem promovido um espaço de encontro interdisciplinar e de manifestações artísticas.

Noite de Abertura

Duas Vezes João Liberada

Paula Tomás Marques tem dedicado o seu mais recente cinema a resgatar da fogueira essas muitas figuras de carne do nosso passado, esfumadas pelas histórias “oficiais” e relegadas a um lugar de apagamento. E a fogueira não é mera metáfora se pensarmos que a Inquisição é um desses lugares que o seu cinema mais frequentemente tem visitado. June João entrega aqui o corpo a essa personagem da Liberada, uma figura perseguida pela Igreja. A partir do presente, a atriz reflete sobre esse espectro do passado, talvez comprovando em última instância a impossibilidade da representação histórica – já de si imersa no erro que a História sempre é –, exaltando antes aquilo que no presente precisamos do passado, como é que ele nos pode servir. Meta-cinema, cinema-ativismo e celebração comunitária, os corpos trans dançam sobre os alicerces não raras vezes enviesados da academia, e sobre as estruturas capitalistas e patriarcais que muito do fazer-cinema acarreta, impulsionando normas e preconceitos, abrindo novas formas de criar e de olhar. *Duas Vezes João Liberada* é reparação histórica, é ato de justiça à dissidência sexual e de género, contra essas mesmas normas e preconceitos. É um desbravar de caminho a novas narrativas e fazeres no cinema português. J.F.

* Esta sessão conta com a presença da produtora Cristiana Cruz Forte e equipa do filme.



Paula Tomás Marques (Portugal, 2025, 70')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 4 novembro
Batalha, Sala 1, 21h30

Noite de Encerramento

Hot Milk

Hot Milk marca uma astuta estreia na realização de Rebecca Lenkiewicz, dramaturga britânica, conhecida pelo seu trabalho de guionista em obras de Paweł Pawlikowski, Sebastián Lelio, Maria Schrader, Steve McQueen e outros. Adaptado livremente do romance homónimo da autora sul-africana Deborah Levy, o filme acompanha Rose (Fiona Shaw) e a sua filha Sofia (Emma Mackey) numa viagem ao calor do verão espanhol para consultar um médico-curandeiro que pode ter a cura para a doença de Rose. Sofia, até então presa numa codependência com a mãe, começa a perder as suas inibições ao envolver-se num caso apaixonado com uma viajante, Ingrid (Vicky Krieps). A crescente liberdade de Sofia torna-se insuportável para a sua controladora mãe, ameaçando romper os frágeis laços que as unem. Apresentado em competição na Berlinale, *Hot Milk* trata-se de um objeto de atmosfera enigmática, tensa, que envolve o seu trio de atrizes de luxo numa paisagem emocional tanto de ressentimento, negação e claustrofobia como de desejo, sedução e ânsia de liberdade, traduzindo para cinema o muito de cerebral quanto de emocional que o seu texto original contém. A.D.



Rebecca Lenkiewicz (Reino Unido, 2025, 92')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Sábado 8 novembro
Batalha, Sala 1, 21h30

Sessão Especial

Outlasting - Living Archives of Older Queers

Sendo o envelhecimento uma das mais marcadas características das sociedades europeias contemporâneas, enquanto tema não mobiliza o melhor da nossa atenção, apenas a assombra. No que respeita às pessoas queer, o envelhecimento ainda assume a condição de excepcionalidade e dá testemunho de diferentes dimensões de luta: contra a patologização, a repressão religiosa e estatal, a invisibilidade, a solidão. *Outlasting*, corealizado por Nuno Barbosa e Ana Cristina Santos, deriva do projeto de investigação TRACE – Tracing Queer Citizenship over Time, e acompanha um conjunto de cidadãos do Centro e Sul da Europa: a sua superação individual, as conquistas legais e culturais das sociedades em que vivem, o futuro que desejam, são a principal matéria deste filme. Documentar a experiência íntima das dissidências sexuais e de género é um trabalho tão íntimo quanto oportuno; a vitalidade e lucidez dos depoimentos recolhidos homenageia o vivido e alimenta o devenir. C.C.H.

* Esta sessão conta com a presença de Ana Cristina Santos e Nuno Barbosa.



Ana Cristina Santos, Nuno Barbosa (Portugal, 2025, 56')
Doc. VO inglesa, portuguesa, italiana, grega e eslovena, leg. em inglês. M/16

Sábado 8 novembro
Batalha, Sala 2, 17h15

Competição Oficial

A identidade como casulo a reforçar em idade jovem, ou a reformular na idade adulta. Quando o protagonista de *Molt Lluny* se desfaz do seu documento de identidade, atirando a sua carteira para o caixote do lixo, já intuímos tudo o que ali está a largar. Estrangeiro no seu próprio corpo, terá de aceitar que a sua identidade não é sua inimiga, num filme sobre desamparo e desconstrução da hétero-norma, severo, mas nunca frio. Da mesma forma que em *Des preuves d'amour*, o seu epicentro emocional localiza-se numa cena de discoteca, mas a diferença entre os dois filmes passa por como as protagonistas deste último estão totalmente assumidas; tanto assim que, no meio do turbilhão de experiências pessoais e burocráticas sobre a maternidade lésbica que atravessam, acabam por questionar a fortaleza que são capazes de atingir e os compromissos que conseguem assumir. Nas outras duas ficções da competição, as dúvidas que surgem às suas protagonistas durante a adolescência aparecem como chaves para desbloquear caminhos mais do que como obstáculos que os entorpecem. A primeira, *If You Are Afraid You Put Your Heart into Your Mouth and Smile*, conta uma história familiar cheia de amor e ternura, de uma beleza radiante, embora discreta, povoada por uma série de figurantes que aportam cores singulares. Na segunda – estreia nas longas de Rafaela Camelo, realizadora cujas curtas seguimos há anos –, o medo, o mistério e a morte são enigmas fascinantes para Gloria e Sofia, enquanto encontram os seus próprios trilhos, decifrando *A Natureza das Coisas Invisíveis*. Kani Lapuerta segue a sua protagonista Karla durante vários anos, em

Niñxs, uma obra interessante pela forma como, em vez de reagir à agenda de ódio imperante, decide escrever a sua própria, de forma didática e alegre, ancorando-se em redes de apoio, longe dos estereótipos marcados pela violência. Algo tão luminoso e transformador como o que acontece em *Gen_*, novo documentário de Gianluca Matarrese, que já venceu esta mesma competição em 2022, um retrato do médico endocrinologista Maurizio Bini, filmado nas consultas com os seus pacientes em tratamento hormonal, no hospital público Niguarda, de Milão. Ver Bini pôr em prática a sua deontologia médica e exercer o ativismo a partir da sua secretaria, provoca uma empatia absoluta, e acaba por elevar o filme a denúncia contra os conservadores governos atuais e contra um mercado empenhado em comodificar corpos. Nos antípodas, *Queer as Punk* também fala de direitos humanos básicos; é o retrato de Faris e da sua banda de música punk, numa Malásia onde as tradições conservadoras e o extremismo religioso dominante condenam ainda mais uma comunidade já de si criminalizada. Estamos perante um filme-protesto, cru e resiliente, sobre lutar pela liberdade de expressão, sem deixar de lado a componente celebratória. Por último, resta referir o belíssimo documentário do realizador de origem palestiniana, Patrick Tass: através da compilação de uma série de mensagens de áudio e chamadas de vídeo, entre memórias e distâncias, *Mea Culpa* passa revista à relação de Tass com a sua mãe Randa, em mais um honesto e tocante estudo sobre a identidade e as suas incógnitas. C.R.

Gen_

No hospital público Niguarda, em Milão, o Dr. Maurizio Bini lidera a missão inspiradora e pouco convencional de transformar vidas através de cuidados de fertilidade e de afirmação de género. Equilibrando os sonhos de aspirantes a pais com as jornadas de pessoas que estão a reconciliar as suas identidades de género, Bini cria um espaço solidário e capacitador onde o humor alivia, muitas vezes, até os momentos mais pesados.

Gianluca Matarrese (França, Itália, Suíça, 2025, 103')
Doc. VO italiana, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 4 novembro · Batalha, Sala 2, 17h15



If You Are Afraid You Put Your Heart into Your Mouth and Smile

Anna, de doze anos, passa do ciclo preparatório para o liceu, onde as coisas são muito diferentes: as crianças da nova escola vêm de uma classe social muito distinta. Anna sente vergonha da sua origem e da sua mãe surda. Durante a semana de esqui, tem de fingir estar doente. O dinheiro reservado para o curso de esqui é gasto na compra de um sofá-cama, que deverá permitir à mãe ter uma relação meramente sexual, mas também proporcionar à filha um pouco mais de privacidade. Mara, uma amiga da turma, torna-se uma aliada quando se descobre que também ela está a esconder um segredo.

Marie Luise Lehner (Áustria, 2025, 88')
Fic. VO alemã, língua gestual alemã, e inglesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 6 novembro · Batalha, Sala 1, 21h30



Mea Culpa

As mentiras e a culpa estão no cerne da relação de Patrick com a sua mãe, Randa. Ao longo dos anos, ele compilou mensagens de áudio e videochamadas trocadas com ela. Agora, ele transforma esse material num retrato da vida dela no Líbano e da dele, na Bélgica. *Mea Culpa* questiona assim os vínculos entre identidades nacionais e sexuais para um jovem emigrante palestiniano.

Patrick Tass (Bélgica, 2024, 72')
Doc. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 6 novembro · Batalha, Sala 2, 19h30



Molt Lluny

Sergio viaja até Utrecht com a sua família para assistir a um jogo de futebol. Antes de apanhar o voo de regresso a Barcelona, sofre um ataque de pânico e decide ficar nos Países Baixos. Incapaz de dar uma justificação lógica aos seus mais próximos, rompe com o seu passado. A partir desse momento, terá de sobreviver sem dinheiro, sem casa e sem falar a língua.

* Esta sessão conta com a presença de Gerard Oms.

Gerard Oms (Espanha, Países Baixos, 2025, 100')
Fic. VO catalã, espanhola, neerlandesa e árabe, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 5 novembro · Batalha, Sala 1, 21h30



A Natureza das Coisas Invisíveis

Glória, uma menina de dez anos, está a passar as férias no hospital com a sua mãe, uma esforçada enfermeira. Enquanto explora o edifício, Glória conhece Sofia, uma rapariga convencida de que o agravamento do estado de saúde da sua bisavó é resultado do seu internamento no hospital. Ligadas pelo desejo comum de partir, as duas raparigas encontram consolo na companhia uma da outra. Quando a partida se torna inevitável, elas e as suas mães vão para um retiro rural para passar os últimos dias de um verão inesquecível.

Rafaela Camelo (Brasil, Chile, 2025, 90')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 7 novembro · Batalha, Sala 1, 19h15



Competição Oficial

Niñxs

Na cidade de Tepoztlán, no México, Karla, de quinze anos, guia o público pela sua viagem de autodescoberta, através da exploração da sua identidade transgénero, enquanto navega pelas alegrias e incertezas da adolescência, a par dos preconceitos de género da sociedade.

Kani Lapuerta (México, 2025, 86')
Doc. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 5 novembro · Batalha, Sala 2, 19h30



Des preuves d'amour

Céline está à espera do seu primeiro bebé. Mas não é ela que está grávida. Daqui a três meses, a sua esposa Nadia dará à luz a sua filha. Sob o olhar dos seus amigos, da sua mãe e da lei, Céline procura o seu lugar e o seu sentido de legitimidade.

Alice Douard (França, 2025, 96')
Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 4 novembro · Batalha, Sala 2, 19h30



Queer as Punk

Faris é um homem trans, vocalista da Shh...Diam!, uma banda punk abertamente queer da Malásia. Juntamente com os seus companheiros de banda Yon e Yoyo, usam a sua música para lutar pelos direitos LGBTQIA+ num país onde os direitos humanos e a liberdade de expressão são severamente restringidos por uma conservadora sociedade muçulmana.

Yihwen Chen (Malásia, Indonésia, 2025, 88')
Doc. VO inglesa e malaia, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 7 novembro · Batalha, Sala 2, 15h00



Prémio Casa Comum

A 4.ª edição do Prémio Casa Comum apresenta mais uma vez uma eclética seleção do que de queer foi feito no formato da curta-metragem no cinema nacional em 2025. Em competição apresentam-se quatro filmes produzidos em Portugal e outros quatro em contexto internacional, como seja o caso de cineastas portugueses a trabalhar na Alemanha, no Reino Unido e na Suíça. Em estreia nacional apresentam-se *O Cemitério de Insetos* de Alex Simões, *Erasure* de Fá Maria e *The Immovable Structure* de Juliana Julieta. *O Cemitério de Insetos* explora o luto e a infância através de uma proposta coral e de múltiplas abordagens formais, incorporando inclusive a performance como dispositivo narrativo. *Crua+Porosa* atira-se ao universo do fantástico para traduzir para a matéria do cinema uma domesticidade sáfica obsessiva, carregada de desejo. *Erasure*, filme de artista, afirma-se pela palavra e pela voz trans, analisando as implicações da tecnologia contemporânea no eterno binómio em vertiginosa transformação: humano-máquina. *Peripécias no Espaço* aventura-se pela ficção-científica propondo uma viagem intergalática de redescoberta pessoal, munida de ternura e testogel. *Quem Se Move* tenta fazer sentido de uma realidade legal que força a pessoa imigrante a uma vida de constante dúvida – perante forças

maiores, só o amparo do outro pode suavizar a desorientação. Também de voz se configura *The Immovable Structure*, capturando a força e o sentimento ativista de uma recente manifestação anti-TERF, essa outra realidade desconcertante e distópica. *Tapete Voador* é uma corajosa abordagem ao maior caso de pedofilia a nível institucional em Portugal, centrando-se na história ficcionada de um adolescente que se tenta libertar de amarras cruelmente mais poderosas que si. Em *Winners* chegamos ao *coming of age*, capturando-se uma atração homomasculina que surge de surpresa – haverá coragem suficiente para uma rendição ao que o coração e o corpo pedem?

Oito trabalhos que não podiam ser mais díspares nas suas propostas formais – da estrutura narrativa mais clássica ao puro experimentalismo. Em conjunto, estes filmes oferecem reflexões e representações sobre o luto, a família, a (des)pertença em contexto de imigração, o amor obsessivo, o despertar sexual, a identidade de género, a relação do corpo queer com a tecnologia, o abuso institucionalizado e o ativismo/protesto, revelando diferentes olhares ao nosso mundo. A.D.

Prémio Casa Comum 1 (72')

Quarta-feira 5 novembro · Batalha, Sala 2, 17h15

Winners

No primeiro treino na nova equipa de futebol, Jonas conhece o colega Niklas. Depois de uma festa, acabam em casa deste último. Abraçados, os dois amigos adormecem juntos. A proximidade de ambos não passa despercebida. A equipa ganha o jogo seguinte, mas a distância entre os dois parece impossível de ultrapassar.

Edgar Gomes Ferreira (Suíça, 2025, 20')
Fic. VO alemã, leg. em português. M/16

Crua+Porosa

Evocando o humano, o orgânico e o extraordinário, *Crua+Porosa* é uma história de amor obsessivo e uma entropia de entorno surreal entre duas pessoas que se entregam ao desejo absoluto.

Ágata de Pinho (Portugal, 2025, 20')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16



Crua+Porosa



Winners



O Cemitério de Insetos



Peripécias no Espaço

O Cemitério de Insetos

Onde estavam vocês quando se aperceberam da irreversibilidade da morte? A partir do luto, Alex recupera o ambiente da sua infância, numa oficina mecânica, e transforma a memória num espaço de performance para a superação.

Alex Simões (Portugal, 2025, 20')
Doc. Exp. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Peripécias no Espaço

Debruçando-se sobre a sua identidade de género, o astronauta Cosmo é assaltado pela dúvida. Para a resolver, ele quer arriscar atravessar a Nebulosa Borboleta. No entanto, a sua nave espacial tem o seu próprio temperamento e ele terá de negociar essa travessia com uma certa perda de controlo.

Caio Amado Soares (Alemanha, Portugal, 2025, 12')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

* Esta sessão conta com as presenças de Alex Simões (*O Cemitério de Insetos*) e de Caio Amado Soares (*Peripécias no Espaço*).

Prémio Casa Comum 2 (70')

Sexta-feira 7 novembro · Batalha, Sala 2, 17h15

Tapete Voador

Baseado numa das várias histórias reais do maior caso de pedofilia a nível institucional em Portugal, *Tapete Voador* segue Ricardo, um adolescente à procura de escapar à realidade impiedosa que o sufoca a ele e às pessoas à sua volta, impedindo-o de levantar voo.

Justin Amorim (Portugal, 2025, 28')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Quem Se Move

Ao longo de uma única noite, René atravessa a sua vida vibrante, porém solitária, como imigrante brasileira em Lisboa. A cada encontro, ela enfrenta um dilema recorrente sobre o futuro – permanecer ilegal numa cidade que se torna cada vez mais estranha ou voltar para um lar do qual um dia fugiu. À medida que a noite avança, os conflitos externos e os seus turbilhões internos entrelaçam-se, revelando as complexas emoções de pertencimento, deslocamento e o sentimento de estar dividida entre dois mundos.

Stephanie Ricci (Portugal, Brasil, 2025, 20')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16



The Immovable Structure

The Immovable Structure é uma curta experimental em Super 8 sobre corpos que resistem e vozes que recusam o silêncio. Filmado durante o protesto anti-TERF em Nova Iorque, em 2022, o filme entrelaça imagens brutais de uma multidão insurgente com a leitura de "The Great Punctuation Typography Struggle", de Andrea Dworkin.

Juliana Julieta (Portugal, EUA, 2025, 6')
Doc. Exp. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Erasure

Através da sua experimentação técnica e artística, *Erasure* não só celebra a diversidade das vozes queer e trans, como também examina as dinâmicas de poder incorporadas nas tecnologias que criamos. Pede-nos que consideremos como, porquê e para quem estes sistemas são construídos, e o que significa navegar num mundo onde as fronteiras entre humano e máquina, autêntico e sintético, são cada vez mais porosas.

Fá Maria (Reino Unido, Alemanha, 2025, 16')
Doc. Exp. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

* Esta sessão conta com as presenças de Ivo Arroja e Inês Castel-Branco (*Tapete Voador*), de Francisca Manuel (*Quem Se Move*), de Juliana Julieta (*The Immovable Structure*), e de Fá Maria (*Erasure*).

Cabo Negro

Marroquino radicado em França, Abdellah Taïa estreia-se na literatura em 2000, e em 2013 realiza o seu primeiro filme, adaptando o seu romance *L'Armée du salut*. A sua mais recente longa-metragem, *Cabo Negro*, é mais um passo na sua afirmação como cineasta, com um cinema de forte cunho narrativo e autobiográfico, onde explora questões de família, identidade e homossexualidade, no mundo árabe. Inspirado na nova geração de adolescentes marroquinos, o filme não parte de nenhum romance seu, mas antes de histórias que Taïa seguiu no Instagram e que inspiraram as personagens de Soundouss e Jaâfar, rapariga e rapaz queers, que se veem numa luxuosa villa na estância balnear que dá nome ao filme, pertencente a Jonathan, o amante americano de Jaâfar. Por um lado, história dos silêncios cúmplices em troca dos quais Marrocos permite aos estrangeiros (ricos) o relacionamento com jovens; por outro, Taïa mostra como uma juventude queer se afirma e inventa, contra família, Estado e religião, procurando um lugar seu. Retrato de uma juventude solar, *Cabo Negro* não deixa de ser atravessado por um desencanto, resultado do embate destas duas realidades. Como afirma o escritor em entrevista recente, “os meus heróis sabem que não têm nada a esperar desse mundo.” J.F.

Abdellah Taïa (França, Marrocos, 2024, 75')
Fic. VO árabe e francesa, leg. em inglês. M/16



Sábado 8 novembro
Batalha, Sala 1, 19h15

Pillion

Psicodrama com inteligentes laivos de humor, *Pillion*, de Harry Lighton, é um arriscado mergulho no universo gay do fetiche e do BDSM, centrando-se sobretudo na dinâmica entre mestre e submisso, procurando perceber se o amor é possível dentro desta estrita hierarquização feita de (aparentes) desequilíbrios entre as partes. Não é fácil explorar este universo algo secreto sem cair em estereótipos, mas Lighton sucede em fazê-lo. O segredo não está tanto nos diálogos, mas nos silêncios e nuances das magníficas interpretações de Harry Melling e Alexander Skarsgård. Ora, um “pillion” é o nome dado ao “pendura” numa mota. Colin (Melling) canta num embaraçoso grupo *a cappella* num pub, onde conhece Ray (Skarsgård), um enigmático motoqueiro. Para estar com Ray, Colin tem de aprender a submissão e a amar dentro dessa dinâmica. É aqui que habilmente o filme estrutura Colin entre o contexto familiar dos pais e aquele outro de uma comunidade de submissos, seus iguais, que tem o seu ponto alto nesse bucólico piquenique onde os seus rabos são servidos à mesa. Frente ao quase sempre inquebrantável Ray, é Colin quem se transforma e nos ensina que a submissão pode ser um lugar de poder. J.F.

Harry Lighton (Reino Unido, 2025, 106')
Fic. VO inglesa, s/ leg. M/18



Sexta-feira 7 novembro
Batalha, Sala 1, 21h30

Sauna

A primeira longa dinamarquesa com um ator e personagem transmasculina num dos papéis principais, *Sauna* adapta o romance homónimo de Mads Ananda Lodahl. Johan é um rapaz cis a trabalhar numa sauna gay em Copenhaga, que se apaixona por William, um rapaz trans, depois de um encontro sexual entre ambos. Os dois começam uma relação, posta à prova pelas profundamente dispare experiências de navegação em sociedade de cada um. Rapidamente se torna claro que os privilégios de Johan não se aplicam a William – que por impedimentos no sistema de saúde ainda não iniciou formalmente a terapia hormonal nem efetivou a cirurgia de afirmação de género. Por outro lado, a vivência individualista de Johan, desprovida de comunidade, existe em contraste com a de William, cuja família afetiva de amizades trans é essencial à sua vida. Também neste aspeto, o da comunidade, o filme tem um dos seus maiores valores: o de revelar o descompasso por vezes abissal dentro da comunidade LGBTQIA+. Um *coming of age* para aprender a saber amar. A.D.

Mathias Broe (Dinamarca, 2025, 105')
Fic. VO dinamarquesa, leg. em inglês. M/16



Quinta-feira 6 novembro
Batalha, Sala 1, 19h15

“Carte Blanche” a Daniel Pinheiro

“In memoriam”

João Ferreira

A história do Queer Porto, que teve a sua primeira edição em 2015, é também a história da relação do Daniel Pinheiro com este festival, quando, nesse mesmo ano, assina a curadoria da Festa de Encerramento que teve lugar no Maus Hábitos, chamando a si um eclético elenco de artistas e performers. Um gesto que, desde o dia 1, ajudou a definir o Queer Porto. No texto do catálogo, a propósito dessa Festa, o Daniel escreveu: “No sentido de aproximar o conteúdo do público portuense, a noite dá lugar a performances, ao vivo, onde o género se esbata e alarga os limites da identificação. Não é queer art, ou música, nem se trata de afirmações... é indefinição pura, um tremor cujo epicentro começa este ano e se expande para um futuro desconhecido, mas não tão incerto.” Ao reler este texto, ficam-me as expressões “indefinição pura” e esse “tremor”, também ele na direção de uma incerteza. No ano seguinte, em 2016, o Daniel integra a equipa do Queer Lisboa e Queer Porto, já como programador, onde deixou uma marca indelével, tendo o seu olhar e a sua sensibilidade estética e política moldado os festivais para o conceito de programação que têm hoje. A “indefinição pura” e o “tremor” são características desse olhar do Daniel. Por um lado, um olhar que vai além de conceitos identitários fechados e que os questiona para lá de qualquer norma; por outro, uma curiosidade, um deslumbramento e uma empatia raros. Tão raros nos tempos que correm. Quando, em finais de janeiro deste ano, recebemos a notícia do seu falecimento, sofremos um abalo emocional nas nossas vidas pessoais, difícil de superar. Preparar as edições deste ano de Lisboa e do Porto, sem o Daniel ao lado – sem esse olhar e sem essa amizade tão cumplice –, foi

um desafio de cuja dimensão não tenho memória de nada equiparável na minha já larga história à frente destes eventos. Ficou um sentimento de orfandade, nas nossas vidas e no nosso trabalho.

É no Porto, a cidade do Daniel, que lhe dedicamos uma mais que justa e sentida homenagem, em forma de *Carte Blanche*. Tarefa impossível a de selecionar quatro filmes que pudessem ter sido a escolha do Daniel como tendo sido para si marcantes, significativos, ou os seus preferidos. Não poderíamos ambicionar a tal. Antes, optámos por uma premissa mais simples: a de um conjunto de filmes frente aos quais vimos o seu entusiasmo, falámos juntos sobre eles, filmes que deixaram a sua marca enquanto programador destes festivais. Não tendo sido premissa ou constrangimento, os quatro filmes escolhidos fizeram parte da programação do Queer Lisboa, sendo agora apresentados pela primeira vez no festival do Porto. *Blue*, de Derek Jarman, integrou a retrospectiva dedicada ao realizador britânico, na Cinemateca Portuguesa, em 2016; *Fluidø*, de Shu Lea Cheang, esteve na programação do ano seguinte, 2017, num Queer Focus dedicado à artista de origem taiwanesa; *Terror Nullius*, de Soda Jerk, e *Passion*, de Maja Ray Borg, fizeram parte da Competição Queer Art, respetivamente em 2018 e 2021. Quatro títulos tão radicalmente diferentes entre si, que, acreditamos, nos dão a ver esse Daniel curioso, inquieto e ávido de descobrir, e que serão apresentados aqui no Porto por aqueles e aquelas que tiveram o privilégio de ver as suas vidas cruzadas com a do Daniel. Foi mesmo um privilégio. Será sobre memória e afeto.



“Carte Blanche” a Daniel Pinheiro

Terça-feira 4 novembro · Batalha, Sala 1, 19h15

Terror Nullius

Uma fábula de vingança política que oferece uma não-escrita da mitologia nacional australiana. Este filme experimental baseado em amostras de outros filmes, funciona inteiramente dentro, e contra, o arquivo oficial, de forma a obter uma visão queer do cinema australiano. Parte sátira política, eco-terror e *road movie*, o filme é um mundo no qual minorias e animais conspiram, e onde homens brancos não muito simpáticos terminam em último lugar. Onde as praias paradisíacas promovem tumultos raciais, os governos votam nos direitos do amor, e os perigos da hipermasculinidade são ofuscados apenas pelo horror persistente do mito colonizador australiano da *terra nullius*.

Soda Jerk (Austrália, 2018, 54')
Exp. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

* Esta sessão é apresentada por Fátima São Simão e Sérgio Braz d'Almeida.

Quarta-feira 5 novembro · Batalha, Sala 1, 19h15

Blue

No seu derradeiro – e mais ousado –, manifesto cinematográfico, Derek Jarman, o romântico, encontra Jarman, o iconoclasta, numa paisagem sonora exuberante que pulsa contra um ecrã puramente azul. Revelando o seu estado físico e espiritual numa narração sobre a sua vida, a sua luta contra a sida, e a sua cegueira progressiva, *Blue* é à vez comovente, divertido, poético e filosófico.

Derek Jarman (Reino Unido, Japão, 1993, 79')
Exp. VO inglesa, s/ legendas. M/16

* Esta sessão é apresentada por Laetitia Morais e Xavier de Sousa.



Blue

Quinta-feira 6 novembro · Batalha, Sala 2, 17h15

Passion

Um filme sobre nostalgia, cura e pertença. Adotando rituais e jogos da prática queer BDSM e da sua própria herança cristã, a cineasta Maja Ray Borg procura recuperar a intimidade e restabelecer limites, na sequência de uma relação destrutiva.

Maja Ray Borg (Suécia, Espanha, 2021, 95')
Doc. VO inglesa, sueca e espanhola, leg. em inglês. M/18

* Esta sessão é apresentada por Samuel Guimarães.

Sexta-feira 7 novembro · Passos Manuel, 22h00

Fluido

No futuro pós-sida de 2060, onde o Governo é o primeiro a declarar a era livre do vírus, os vírus mutados da sida dão origem aos Zero Gen – humanos que evoluíram geneticamente de uma maneira única. Estes *gender fluid* Zero Gens são os portadores da droga biológica cujo fluido branco é o hipernarcótico do século XXI. A ejaculação desses seres é viciante e é uma nova forma de mercadoria sexual no futuro. Começa então uma nova guerra contra as drogas e os Zero Gen são declarados ilegais. O Governo envia replicantes resistentes à droga para missões com o intuito de prenderem os Zero Gen. Quando o centro de prazer de um desses andróides imunes do Governo é ativado, a história transforma-se num enredo complexo onde Zero Gens são apanhados entre os senhores da droga do submundo, super-agentes, uma corporação duvidosa e um governo corrupto.

Shu Lea Cheang (Alemanha, 2017, 77')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/18

* Esta sessão é apresentada por Flávio Rodrigues.



Passion



Fluido



Terror Nullius

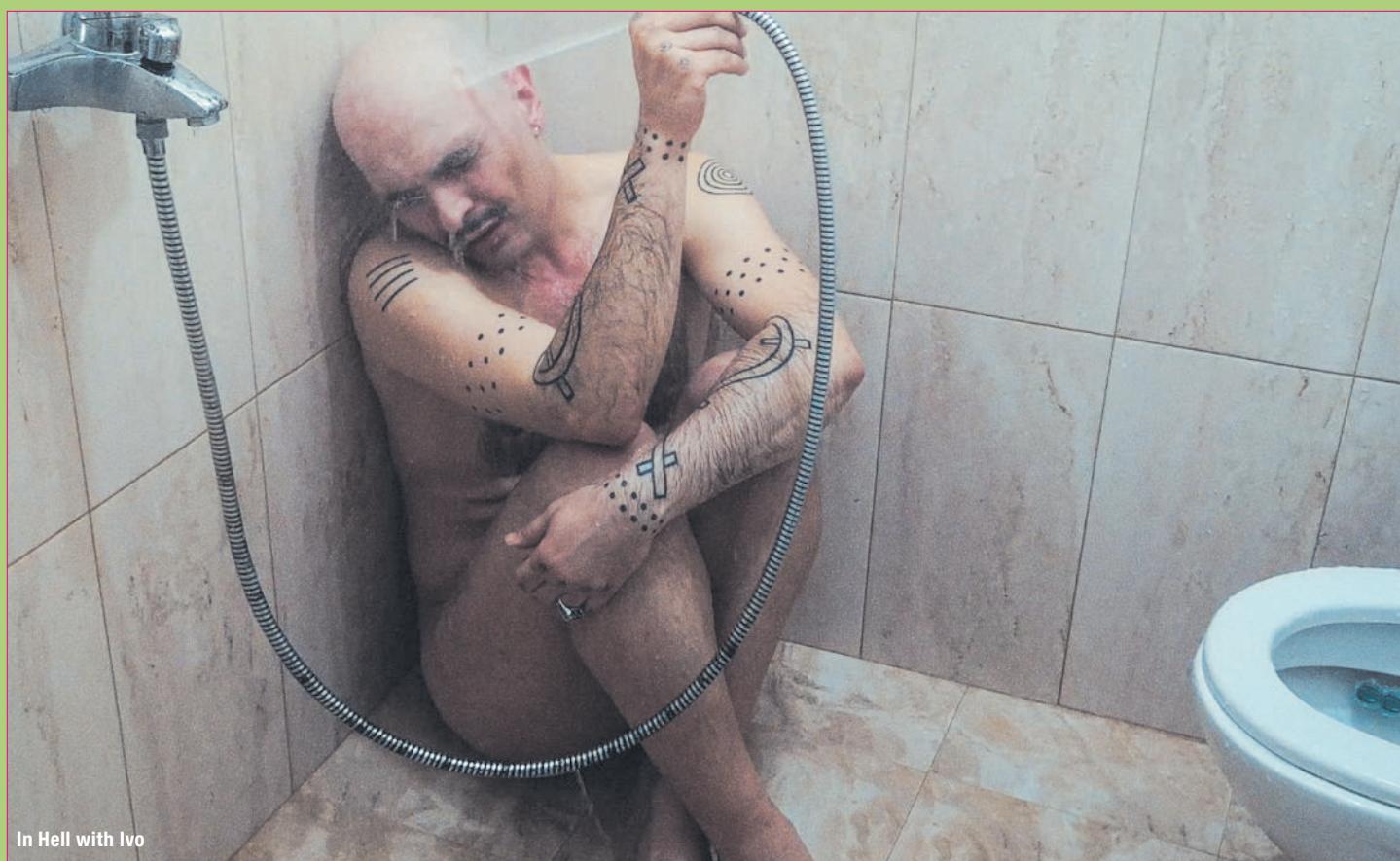
Resistência Queer

O momento de amplificar as vozes

João Ferreira

O programa que o ano passado cruzou as edições do Queer Lisboa e do Queer Porto, sobre um cinema de resistência, oriundo de territórios política e socialmente conturbados e fustigados, quer pela guerra ou pelo genocídio, quer por regimes políticos LGBTQIA+fóbicos ou xenófobos, está de regresso aos dois festivais, com um conjunto de novos títulos. O atual panorama de crescimento das extremas-direitas, pondo em causa os princípios democráticos em si, além do retrocesso que significa para os direitos conquistados de comunidades minoritárias – sejam de pessoas queer, racializadas, migrantes, precárias, entre outros grupos –, tornou de enorme relevância elevar a Resistência Queer a estatuto de secção, enquanto veículo para dar a conhecer, não apenas estes cinemas, mas que sirva de palco de denúncia e consciencialização. Há um ano, já não tínhamos qualquer dúvida de que estávamos perante um hediondo crime de guerra a ser cometido na Palestina. Hoje – e perante uma igualmente criminosa cumplicidade das democracias mundiais –, é de genocídio que devemos falar. Amplificar as vozes dos artistas palestinianos ou aliados é um gesto necessário. Desta forma, e uma vez mais em Lisboa e Porto, é dedicada uma sessão à Palestina, com a exibição do programa de curtas “*No Pride in Genocide*” (*Queer Cinema for Palestine*), com obras cuja diversidade estética, narrativa e inventiva, evocam a cultura palestiniana e o seu lugar na História, a sua diáspora, e inevitavelmente o criminoso genocídio que tem lugar hoje em Gaza, sem esquecer a ocupação na Cisjordânia. Numa ação coletiva de pessoas realizadoras e videastas, o Queer Cinema for Palestine fez a curadoria de um conjunto de curtas-metragens que circularam um pouco por todo o mundo em junho último, mês do Orgulho LGBTQIA+, sob a premissa de que nós, enquanto indivíduos e coletivos queer, temos a missão e responsabilidade de lutar ao lado de todas essas outras minorias reprimidas, pela “liberdade, justiça e dignidade”, como se pode ler no manifesto. Políticos e ecléticos, engajados e urgentes, estes oito filmes descobrem-nos a Palestina no mundo e os mundos que são a Palestina.

Aqui, encontramos desde abordagens mais experimentais, com recurso à *found footage*, para se construir um *tableau* da cultura e vivência palestinianas, em *Palcorecore*, de Dana Dawud; até à animação em *stop-motion*, *Out of Gaza*, de Jannis Osterburg e Seza Tiyara Selen, obra marcadamente feminista, de diálogo entre conflitos internos e externos da sua protagonista. É também no feminino que se desenha a narrativa de *I Never Promised You a Jasmine Garden*, de Teyama Alkamli, onde a aparentemente coloquial conversa telefónica de Tara, residente no Canadá, esconde muitas outras camadas. Curto e belíssimo poema visual de poderoso simbolismo, é à volta do alfabeto árabe que Robin Riad cria *Abgad Hawaz*, desafiando o espectador a “Do you want to learn arabic?”; como é também de texturas que é feito a *tangled web drowning in honey*, de Hannah Hull e Tara Hakim, onde o corpo de uma mulher é respiração e reflexão sobre como as palavras moldam esse corpo e o libertam de amarras. A ficção mais formal do programa aparece em *Blood like Water*, de Dima Hamdan. Centrada em Read, homem gay, e nos seus pais, com quem vive nos territórios ocupados da Cisjordânia, a história parte da chantagem de um oficial israelita em divulgar um vídeo sexual de Raed, se este não lhe revelar o paradeiro do seu amigo Shadi. Habil dispositivo narrativo para nos contar uma história de família e valores, religião e amor, mas sobretudo de honra e resistência. As duas últimas propostas do programa levam-nos a território libanês e falam-nos de explosões, reais e metafóricas. Exercício autobiográfico, em *Aliens in Beirut*, Raghed Charabaty revive os passos e os toques de quando conheceu o seu companheiro, em Beirute. Estamos em 2020, e na cidade solar os corpos dos rapazes recortam-se no azul do Mediterrâneo, até à chegada dessa nuvem vindia do porto e a explosão que fratura o solo e rasga as muitas vidas. Rodado em Chatila, campo de refugiados palestinianos a sul de Beirute, em *Don't Take My Joy Away*, de Omar Gabriel, a explosão não é o culminar, mas antes o motor da ação. Essa ação dos dois rapazes no quarto, cujos corpos explodem eles numa coreografia, que salta das estreitas vielas para os telhados, à qual se unem outros corpos e juntos invadem a cidade, a cidade que volta assim a ser solar. A par da sessão sobre a Palestina, duas longas-metragens completam o programa de Lisboa. Dos EUA, chega-nos o documentário *State of Firsts*, de Chase Joynt, retrato da histórica corrida de Sarah McBride para se





Queens of Joy © Olga Gibelinda

tornar na primeira deputada trans do Congresso dos Estados Unidos, eleita pelo Delaware. Joyst acompanha toda a campanha de Sarah, naquele incansável trabalho de *grassroots*, até à sua efetiva eleição. A par, o filme vai descorinando uma atribulada vida pessoal, com a morte do seu companheiro Andy, de cancro, poucos meses depois de terem casado, em 2014. Democrata, Sarah entra no Congresso num contexto político onde os Republicanos dominam e Trump é reeleito presidente. No final do documentário, assistimos ainda a esses primeiros episódios que prenunciaram já o que a agenda da extrema-direita está a disseminar, desde as novas políticas de uso das casas-de-banho do Congresso, que desrespeitam as pessoas trans, ao facto de Sarah ser nomeada no hemicílio por "Senhor" Congressista McBride. Os corpos trans e os corpos queer estão na mira desta agenda.

Estreado na edição deste ano do Festival de Roterdão, do Irão chega-nos a longa-metragem de ficção *The Crowd*, de Sahand Kabiri, um corajoso filme rodado em Teerão, que conta a história de Hamed, proveniente de uma abastada família religiosa. Hamed partilha apartamento com Raman, que vai emigrar em breve e quer passar estes seus últimos dias com os amigos, mas não encontra um espaço adequado para se juntarem. Determinado em ajudá-lo, Hamed decide organizar uma festa num armazém pertencente à sua família, sem os avisar. É este o enredo que serve de base a um filme sobre a importância da comunidade e redes de afeto na juventude, ao mesmo tempo em que se celebra a cultura rave, fundamental lugar de encontro, partilha e expressão de identidades. Sob o enredo, a atribulada história política recente de um país, da sua juventude e das suas diásporas.

No programa do Queer Porto – onde repete "No Pride in Genocide" (Queer Cinema for Palestine) e *The Crowd* –, voltamo-nos para essa outra geografia do Leste Europeu, com dois documentários onde a criação performativa não é mera arma de expressão, mas forma de sobrevivência. Com forte incidência nas questões de saúde mental e em como a mesma é resultado

de complexas equações pessoais e familiares, *In Hell with Ivo*, de Kristina Nikolova, dá-nos a conhecer uma dessas personalidades raras, o performer e compositor búlgaro, Ivo Dimchev. Uma atuação no Joe's Pub de Manhattan revela-nos já Ivo num lugar de visibilidade e maturidade artística. Tendo começado no teatro-dança, ele encontra nas suas performances e canções a tábua de salvação de si mesmo, o lugar de purga para falar de sexualidade e identidade, de religião e luta, de entrega do seu corpo queer em toda a sua dimensão física e espiritual. Entre Sófia e Nova Iorque – com a pandemia como elemento disruptivo –, o documentário revela as fragilidades e forças de Ivo, o choque político com os seus progenitores na Bulgária, as performances ao domicílio. Tudo, Ivo trabalha e vive numa vontade cada vez maior de procura de uma paz dentro de um contexto externo crescentemente adverso.

Queens of Joy, pelo título contrapõe já a alegria ao horror da guerra, e nasce da amizade da realizadora, Olga Gibelinda, com Diva Monroe, uma das mais antigas drags da Ucrânia, em atividade desde os anos 1990. Acompanhando a vivência de Diva – que hoje se identifica como mulher trans –, e outras duas drags, Marlene e Aura, o documentário mostra a importância destes espaços queer, que num contexto de guerra ganham nova dimensão. A ideia de um clube queer como espaço seguro, adquire a dupla ação da palavra quando serve também de bunker durante os ataques aéreos. As performances drag ultrapassam o mero entretenimento e ganham estatuto político ao angariarem fundos para os soldados. Pelo meio, discute-se o não reconhecimento das uniões civis entre pessoas do mesmo sexo e de como, quem perde o seu companheiro ou companheira na guerra, não tem quaisquer direitos. E é nesta vertente política e social que reside a força do filme, ao mostrar como uma comunidade se junta, se reinventa e ganha voz num contexto de guerra, como essa comunidade escolhe ficar e se torna visível até na própria linha da frente. A expressão "resistência queer" não podia fazer mais sentido.

Resistência Queer

Terça-feira 4 novembro • Casa Comum, 18h00

Programa de Curtas (85')

“No Pride in Genocide” (Queer Cinema for Palestine)

Abgad Hawaz

“A curta-metragem analógica desenhada à mão por Robin Riad ensina ostensivamente a pronúncia do alfabeto árabe em 28 passos simples. Na realidade, as letras desenhadas à mão foram impressas com uma impressora a jato de laser na banda sonora ótica de uma película de 16mm e o que se ouve no filme é o projetor a ler as letras e a interpretá-las em som. Riad usa o humor para brincar e sentar-se com a sua língua materna, oferecendo uma ‘falsa’ lição de pronúncia. Em resposta a uma forma digital de ódio anti-árabe que Riad testemunhou na Internet após o início do genocídio em Gaza, o filme é uma forma de a artista se manter próxima da sua língua, cultura e raízes”. (Tara Hakim)

Robin Riad (Canadá, 2024, 2')

Curta Exp. VO árabe e inglesa, s/ legendas. M/16

Out of Gaza

Uma jovem palestiniana quer fugir de Gaza com os seus amigos, na esperança de encontrar a liberdade no Ocidente. Como a talentosa engenheira que é, ela torna a fuga possível, mas surgem dúvidas se a decisão correta é a de partir. Quando atravessam o muro, deparam-se com um mundo que não esperavam.

Jannis Osterburg, Seza Tiyara Selen (Alemanha, 2025, 9')

Curta Anim. VO alemã e árabe, leg. em inglês. M/16

Blood like Water

Shadi embarca numa aventura secreta e, accidentalmente, arrasta a sua família para uma emboscada onde só têm duas opções: colaborar com a ocupação israelita ou ser envergonhados e humilhados pelo seu próprio povo. Baseado em histórias reais.

Dima Hamdan (Palestina, 2023, 14')

Curta Fic. VO árabe, leg. em inglês. M/16

a tangled web drowning in honey

Uma curta-metragem experimental e textural que convida a pessoa espectadora a entrar no interior de uma mente para refletir sobre as formas como nos amamos e deixamos de nos amar.

Hannah Hull, Tara Hakim (Canadá, 2023, 10')

Curta Exp. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Aliens in Beirut

Neste filme sobre o fatídico verão da Explosão do Porto de Beirute em 2020, o realizador queer Raghed Charabaty regressa do Canadá ao Líbano para reconstituir pessoalmente a forma como conheceu o seu parceiro nas ruelas secretas de Beirute e como se viram no meio de uma das mais brutais explosões da história, provocadas pelo homem.

Raghed Charabaty (Líbano, Canadá, 2025, 17')

Curta Docufic. VO árabe e inglesa, leg. em inglês. M/16

Palcorecore

Uma fusão hipnótica de dança, imagens de arquivo e vídeos tirados da Internet, que colapsam o passado e o presente num retrato visceral da vida palestiniana. Através da desordem e do movimento rítmicos, o filme capta a resiliência, a rebeldia e as alegrias quotidianas da existência palestiniana, centrando-se particularmente na juventude e nas mulheres na sua desafiadora afirmação de vida.

Dana Dawud (Palestina, 2023, 6')

Curta Exp. VO inglesa, s/ legendas. M/16

Don't Take My Joy Away

Passado em Chatila, um campo de refugiados palestinianos no Líbano, dois amigos divertem-se com as pequenas alegrias da vida até que a violência subitamente perturba o seu mundo. Forçados a fugir, embarcam numa perigosa viagem de sobrevivência, confrontando-se com o medo, o caos e as duras realidades que os rodeiam. Ao longo do caminho, deverão escolher entre permanecer nas sombras ou buscar a luz.

Omar Gabriel (Líbano, 2024, 7')

Curta Fic. VO árabe, leg. em inglês. M/16

I Never Promised You a Jasmine Garden

Tara, uma jovem queer palestiniana, tenta suprimir a sua interna turbulência emocional durante uma chamada telefónica com a sua melhor amiga Sarab, por quem está apaixonada.

Teyama Alkamli (Canadá, 2023, 20')

Curta Fic. VO árabe e inglesa, leg. em inglês. M/16

* Esta sessão conta com a presença de Raghed Charabaty (*Aliens in Beirut*).

* Nesta sessão serão aceites donativos livres para a associação de ajuda humanitária Seeds of Hope.



Resistência Queer

Quarta-feira 5 novembro • Casa Comum, 18h00

In Hell with Ivo

O artista e compositor queer búlgaro Ivo Dimchev transforma os desafios pessoais e sociais em provocadores espetáculos públicos e privados, explorando corajosamente a sexualidade, a identidade, a fé e o ativismo, numa libertadora celebração da visibilidade queer.

Kristina Nikolova (Bulgária, EUA, 2025, 80')
Doc. VO inglesa e búlgara, leg. em inglês. M/16

* A esta sessão, segue-se uma conversa com o duo ucraniano de performers, Sasha e Boji (mofo collective), Cristina Planas Leitão, diretora artística do festival Materiais Diversos, e Aura da Fonseca, artista transdisciplinar, moderada por Constança Carvalho Homem.

Quinta-feira 6 novembro • Casa Comum, 18h00

Queens of Joy

Queens of Joy é um filme de estreia sobre autodescoberta, liberdade pessoal e o poder da comunidade. Conta a história de três pessoas queer ucranianas: Monroe, uma mulher trans e ícone da cena queer ucraniana; Artur Ozerov, também conhecido como Aura, um artista drag e militar; e Oleksandr Danilin, também conhecido como Marlen Scandal, uma figura lendária da cultura drag ucraniana. Em tempos de guerra em larga escala, unem-se para organizar um show drag benéfico em apoio à Ucrânia e aos seus defensores, provando que a arte e a cultura podem ser uma arma poderosa de resistência e solidariedade.

Olga Gibelinda (Ucrânia, França, Chéquia, 2025, 90')
Doc. VO ucraniana e russa, leg. em inglês. M/16



Quinta-feira 6 novembro • Passos Manuel, 22h00

The Crowd

Hamed provém de uma abastada família religiosa e partilha um apartamento com Raman, num bairro de classe média. Raman vai emigrar dentro de dias e está chateado porque não pode passar estes seus últimos dias com os amigos, pois não encontram um espaço adequado para se juntarem. Determinado a ajudá-lo, Hamed decide organizar uma festa num armazém vazio pertencente à sua família, sem avisar os seus donos. No entanto, ele enfrenta ainda outro dilema: o amigo próximo de ambos, Tondar, faleceu recentemente num acidente sobre o qual não podem falar publicamente.

Sahand Kabiri (Irão, 2025, 70')
Fic. VO farsi, leg. em inglês. M/16

* A esta sessão, segue-se uma conversa com Luísa Cativo, DJ e podcaster em Câmara Magmática, e seus convidados.

Queer Focus

“Nada Mais Queer que a Natureza: Esquisitar o Discurso nas Ciências Naturais”

Constança Carvalho Homem

Em anos recentes, os nossos festivais têm explorado uma linha temática que talvez chegue agora à sua culminação. Começámos pela Ecossexualidade, partindo do trabalho performativo e pedagógico de Annie Sprinkle e Beth Stephens; levantámos a hipótese das Ecologias Queer, com destaque para vidas, projetos e culturas que superam a cisão entre o ambientalismo clássico e a comunidade LGBTQIA+; apontámos a urgência de um discurso verdadeiramente inclusivo sempre que é contemplada a futura vida na Terra, e fizemo-lo com a ajuda de Fabrizio Terranova e das improváveis matriarcas que retratou – Donna Haraway, em *Storytelling for Earthly Survival*, e Isabelle Stengers, em *Isabelle Stengers: Building Hope on the Edge of the Abyss*. Nesta edição do Queer Porto, na companhia de biólogos, etólogos, animais e seres humanos, aproximamo-nos das ciências naturais para questionar a sua pretensão à objetividade. No plano ensaístico, esse questionamento acontece com certa vitalidade, seja no plano da Educação e Filosofia da Ciência, seja no debate político, e como leitura obrigatória podem apontar-se dois artigos em língua portuguesa: “Toda a Biologia é queer: subjetivação e diversidade”, publicado por Luís António Ferraro em 2020, e “Por uma ciência queer e revolucionária: um texto antidogmático”, partilhado anonimamente pela Federação Portuguesa da União Libertária. O cinema que fomos mostrando e aquele que trazemos agora acrescenta, como só podem as imagens, fortes argumentos a este debate. Escolhemos três filmes que dão resposta conjunta às ciências descritivas praticadas de forma excludente, devolvendo ao diverso (minoritário, sim, mas por que motivos suprimido?) o seu lugar na biodiversidade. Recorrendo a Vinciane Despret, filósofa da ciência belga e figura central de um dos filmes, pode afirmar-se que programámos um ciclo com marcado “apetite pela diferença” porque “não estamos cegos quando não vemos certas coisas; mas, para as ver, temos de as procurar”. Não se trata, ainda assim, de substituir um viés por outro, antes de complicar, ou esquisitar, um discurso científico que não serve a íntegra dos fenómenos naturais, correndo o risco de castigar tudo o que se constitua como não-natural ou contranatura. Começámos com *Holding Back the Tide*, de Emily Packer, uma evocação de Nova Iorque através das suas ostras – bivalves com que se fez o pavimento da cidade, cujos recifes previnem e revertem a erosão costeira, e cujo hermafroditismo sequencial é um dos mecanismos de manutenção da espécie. Prosseguimos com *Brigitte, Planeta B*, de Santiago Posada, uma incursão à Colômbia e à história pessoal e familiar de Brigitte Baptiste, bióloga trans e carismática palestrante na interseção entre ciência, sustentabilidade e cultura. Terminamos com *Queerying Nature*, de Aline Magrez, documentário que reflete a existência de um diálogo ontológico interespécie, mostrando que se o humano procura no animal expressões exuberantes e não-utilitárias que lhe sirvam de âncora, o comportamento animal foi repetidamente instrumentalizado para justificar modelos e ritos sociais lesivos ao humano. “(...) sejamos – ou aceitemos que somos –, todos um bocadinho esquisitos, porque somos todos diferentes, e podemos, numa conversa respeitosa, criativa, promover novas formas de viver”, declara Brigitte Baptiste; é também a modesta ambição com que lançamos este ciclo.

Sexta-feira 7 novembro • Batalha, Sala 2, 19h30

Holding Back the Tide

Holding Back the Tide é um documentário híbrido impressionista que acompanha a ostra ao longo dos seus muitos ciclos de vida em Nova Iorque, outrora a capital mundial desta iguaria. Agora, o seu fantasma assombra a cidade através de personagens queer que personificam mitos antigos, descobrindo a história e a biologia negligenciadas do bivalve que construiu a cidade. À medida que os ambientalistas as restauram no porto, olhamos para a ostra como um ícone queer, entrelaçado com a natureza, com muito a ensinar sobre a nossa continuada sobrevivência.

Emily Packer (EUA, 2023, 77')

Doc. VO inglesa, leg. e inglês. M/16

* Esta sessão conta com as presenças de Emily Packer e de Trey Tetreault.

Sábado 8 novembro • Batalha, Sala 2, 15h00

Brigitte, Planeta B

Documentário sobre a ecologista transgénero Brigitte Baptiste, cuja inovadora investigação e discurso alternativo desafiam convenções científicas e sociais durante anos, erodindo preconceitos, construindo pontes e inspirando mudanças. Seguindo os passos de Brigitte e fazendo uso de material de arquivo e animação digital, o filme entrelaça um solilóquio íntimo e um retrato cheio de nuances em torno de uma personagem extraordinária, cujas ideias refrescantes sobre a vida, a família e as questões atuais talvez possam reavivar a esperança no futuro do nosso planeta.

Santiago Posada (Colômbia, 2025, 87')

Doc. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

Sábado 8 novembro • Batalha, Sala 2, 19h30

Queerying Nature

O pensamento falsamente objetivo impôs a ideia de que certos comportamentos sexuais, de género ou familiares são “antinaturais”. Mas a natureza é muito mais queer do que nós! *Queerying Nature* entrelaça palavras, pensamentos e rostos para explodir com a ideia de uma norma sexual ou de género. Ao mesmo tempo, através de uma animação poética que explora certos comportamentos animais, colocamos questões sobre os seres humanos que, ao falarem no lugar dos animais, estão acima de tudo a falar sobre si mesmos.

Aline Magrez (Bélgica, 2023, 64')

Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16



Festas

Welcome Party

Entrada gratuita

Para finalizar o primeiro dia desta 11^a edição do Queer Porto voltamos ao nosso já habitual Bar of Soap, um ponto de encontro indispensável para a comunidade LGBTQIA+ da cidade. Convidamos todas as pessoas a juntarem-se a nós neste espaço, que ao longo dos últimos anos se transformou também numa das casas que acolhe o festival.

Terça-feira 4 novembro

Bar of Soap (Rua do Bolhão, 132), 22h00-02h00



Farewell Party

Preço: 5€

Encerramos a undécima edição do Queer Porto com uma noite de despedida que promete variedade de cores e sabores. Não só pelas pessoas responsáveis por agitar a cabine de DJ, mas também pela audiência: o público do festival, as pessoas amigas, convidades oficiais... Um público que, a julgar pelo sucesso desta festa o ano passado, se prevê animado.

* O line-up final de djs pode ser consultado no nosso site e nas nossas redes sociais.

Sábado 8 novembro

Passos Manuel (Rua de Passos Manuel, 137), 23h00-05h00



Queer Porto 11

Festival Internacional de Cinema Queer

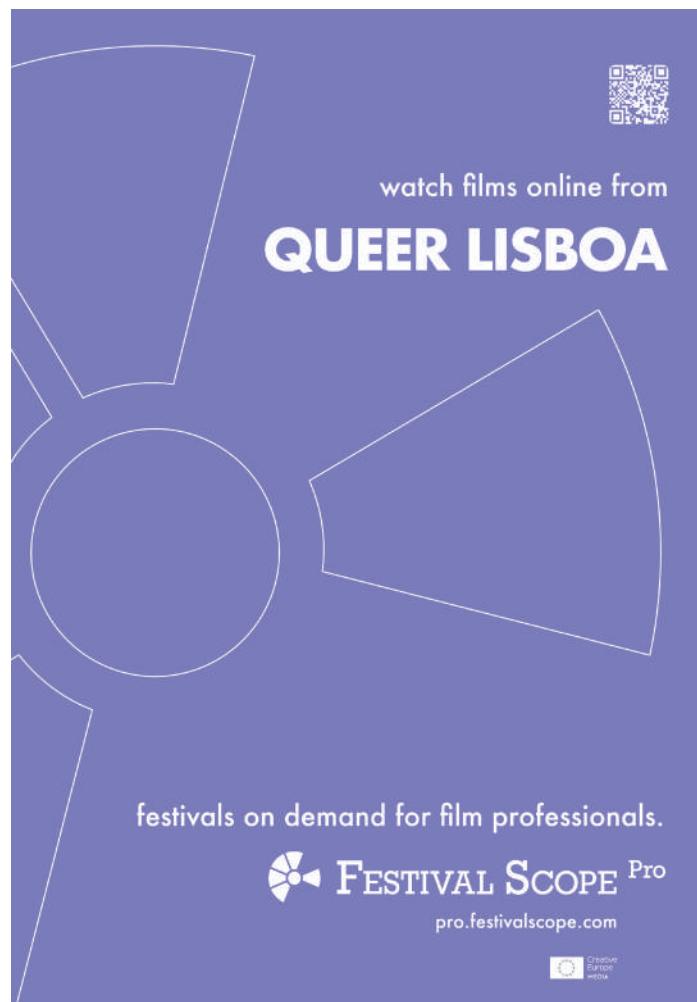
4 - 8 novembro 2025 | Batalha, Casa Comum, Passos Manuel

Calendário de Sessões | Screening Timetable

Terça 4 Tuesday	Quarta 5 Wednesday	Quinta 6 Thursday	Sexta 7 Friday	Sábado 8 Saturday
Batalha - Sala 1				
19h15 Terror Nullius	21h30 Noite de Abertura Duas Vezes João Liberada	Quarta 5 Wednesday Blue	Quinta 6 Thursday Sauna	Sexta 7 Friday A Natureza das Coisas Invisíveis
21h30 Noite de Encerramento Hot Milk	Molt Lluny	If You Are Afraid You Put Your Heart into Your Mouth and Smile	Pillion	Brigitte, Planeta B
Batalha - Sala 2				
15h00			Queer as Punk	Brigitte, Planeta B
17h15 Gen__	Prémio Casa Comum 1	Passion	Prémio Casa Comum 2	Outlasting - Living Archives of Older Queers
19h30 Des preuves d'amour	Niñxs	Mea Culpa	Holding Back the Tide	Queering Nature
Casa Comum (Reitoria da Universidade do Porto)				
18h00 Curtas Queer Cinema for Palestine	In Hell with Ivo	Queens of Joy		
	Conversa			
Passos Manuel				
22h00		The Crowd	Fluidø	
		Conversa		
Bar of Soap		Passos Manuel		
Welcome Party 22h00-02h00		Farewell Party 23h00-05h00		

■ Competição Oficial ■ Prémio Casa Comum ■ Sessões Especiais ■ Queer Focus ■ Panorama ■ Resistência Queer

■ Carte Blanche a Daniel Pinheiro ■ Festas



OUR
YEAR
TO